
**ATIVIDADE FÍSICA, DESENVOLVIMENTO HUMANO E CULTURA
O SER ANTHROPOS E A ATIVIDADE FÍSICA**

Maria Beatriz Rocha Ferreira

Resumo

Este trabalho é uma incursão antropológica do ser *ánthropos* e atividade física, embasamento teórico que norteia as pesquisas apresentadas nesta mesa redonda sobre “atividade física, desenvolvimento humano e cultura”. Modificações importantes estruturais ocorreram durante o processo evolucionário, as quais direcionaram o ser humano numa nova dimensão que o diferencia das outras espécies. Ele foi capaz de aprender e ensinar, dar significado às coisas, lembrar, desenvolver a linguagem oral e escrita, apreender do movimento simples ao mais complexo e desenvolver o raciocínio pré-racional ou vulgar, racional ou científico e supra-racional ou metafísico. A cooperação, aprendizagem, capacidade criativa-espontânea, controle das emoções foram elementos importantes para o seu desenvolvimento psicossocial.

Palavras-Chave

Ser humano; Teoria evolucionária; Atividade física

Abstract

This paper is an anthropological incursion of the *ánthropos* being and physical activity. This forms the theoretical basis for the research topics presented in this round table on “physical activity, human development and culture”. Main structural changes occurred during the evolutionary process, which steered the human being in a new dimension compared with other species. The human being was able to learn and to teach, to give meaning to things, to remember, to develop the oral and writing language, to learn from the most simple to the most complex movement and to develop the vulgar, scientific and supra reasoning or contemplative reasoning. The cooperation, learning, creative-spontaneous ability and emotional control were important elements for its psychosocial development..

Key-Words

Human being, Evolucionary theory, Physical activity

INTRODUÇÃO

Eram crianças de quatro a seis anos, com um passado de privações nutricionais e emocionais, residentes num internato em São Paulo, oriundas na maioria da FEBEM¹. Crianças que falavam um português ininteligível, com um nível de comunicação verbal e corporal baixo e mantinham distância de pessoas estranhas ao internato. Eram perfeitas bonequinhas de corda. Faziam tudo na hora certa, uniformizadas e se desesperavam quando algo saía do previsto. No dia de visitas ficavam num grande salão brincando e esperando serem chamadas por algum familiar. E a esperança morria a cada porta que se abria e não eram chamadas.

Este foi o quadro observado durante a pesquisa de campo! Mas, devido o recorte metodológico da pesquisa, decidido *à priori*, não foi possível estudar a criança na sua complexidade, mas somente num aspecto: o estado nutricional, crescimento e performance numa visão biomédica (Rocha Ferreira & Zucas, 1981).

Por circunstâncias da vida, e diria por uma busca mais profunda do conhecimento humano, alguns anos após, realizei o doutorado em Antropologia na Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos. Foi uma oportunidade ímpar de conhecer a grandiosidade desta área, que trata de civilizações passadas e contemporâneas, num enfoque biológico e sociocultural.

Este estudo foi fundamental para uma melhor compreensão do ser humano. E desde 1988, época que retornei ao Brasil, tenho desenvolvido pesquisas em Antropologia aplicada à área da Educação Física, sem pretender, é claro, dar conta de todos os problemas inerentes a esta integração. Mas, juntamente com os alunos de mestrado e doutorado sob minha orientação temos o desafio que vem sendo vencido aos poucos, isto é, o da adequação teórico-metodológica no desvendar de alguns aspectos da Atividade Física em diferentes culturas e sistemas ecológicos.

Nesta mesa redonda para a publicação na Revista Conexões são apresentados alguns trabalhos como indicadores da linha de pesquisa desenvolvida no Laboratório de Antropologia Bio-cultural. Estas e as outras pesquisas não apresentadas nesta publicação foram desenvolvidas dentro de uma co-responsabilidade e compartilhar de ações entre orientadora e orientandos, assim como a participação de outros professores que se interessaram pelo desafio. Uns orientandos se conheceram e outros não, mas todos foram criadores das obras e conectados pelo mesmo desafio. Os trabalhos apresentados nesta mesa redonda não representam os melhores, nem os preferidos, mas aquelas que podem dar uma

¹ Fundação Estadual do Bem Estar do Menor.

visão do nosso empreendimento.

As pesquisas têm em comum um marco teórico-metodológico, o qual reconhece o ser humano sob o ponto de vista bio-psico-sociocultural. E tiveram como entendimento comum, de maneira clara ou subjacente, a teoria evolucionária. Entretanto, a escolha dos temas, a apreensão do objeto e o método foram decisões particulares que dependeram dos interesses, sonhos, desejos, formação acadêmica anterior e da viabilidade dos projetos.

Num primeiro momento deste trabalho farei uma incursão antropológica do desenvolvimento humano abordando conceitos do processo evolucionário, a seguir tratarei da atividade física e as pesquisas e o grupo.

EVOLUÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Uma das questões fundamentais da antropologia é a “adaptação humana”, área que busca compreender o ser humano vivendo em diferentes nichos ecológicos e sociais ao longo da história filogenética e ontogenética. Adaptação é a modificação da estrutura ou função que capacita o organismo a sobreviver e a reproduzir; é a mudança pela qual o organismo supera os desafios na vida. A compreensão dos processos adaptativos auxiliam o melhor entendimento de estudos sobre a Atividade Física.

Na definição de Lasker (1969), a adaptação ocorre ao nível filogenético, o qual representa modificações genotípicas que vem ocorrendo há milhares de anos, as quais serão tratadas mais abaixo. Ao nível ontogenético representa modificações fenotípicas que ocorrem durante a vida, especificamente são modificações fisiológicas e comportamentais que ocorrem em dois níveis: (i) denominada de plasticidade, isto é a adaptação que ocorre durante a fase do crescimento e desenvolvimento e (ii) adaptação fisiológica ou aclimação e comportamental que ocorrem em curta duração. A questão comportamental é menos elaborada na teoria do que a biológica, embora o autor a mencione e enfatize que estes níveis de adaptação se interagem durante a vida de cada indivíduo.

A proposição de Roy (1982) estudando a integração entre organização social e ecologia em sistemas de subsistência de pequenas escalas, menciona quatro tipos de adaptação: filogenética no qual o genótipo adapta trans-geracionalmente através da seleção natural; (ii) modificação fisiológica do fenótipo durante a vida, mas dentro de uma gama possível do genótipo, (iii) aprendizagem: comportamento adaptativo adquirido durante a vida e (iv) modificação cultural: através da combinação do aprendizado e o uso da informação transmitido culturalmente.

Esta concepção trata com profundidade a adaptação cultural em sistemas de subsistência de pequenas escalas, mas é limitante no que tange a sociedades complexas e na compreensão materialista do ser humano. Tenho preferido utilizar a definição de Lasker sobre a questão da adaptação biológica e abordar o desenvolvimento comportamental numa ótica em que reconheça não somente o conhecimento humano racional, mas também o supra-racional ou metafísico.

Fazendo um corte no processo evolucionário filogenético, eventos importantes ocorreram após a separação dos nossos ancestrais “apes” há milhões de anos, como o bipedalismo, o crescimento cerebral e o retardo na frequência metabólica (sendo que o estirão dos dois últimos ocorreram após 2,5 milhões de anos atrás) (Morgan, 1995). Os mecanismos evolucionários que contribuíram para a evolução da espécie foram (i) as mutações as quais interagem com a seleção natural, (ii) diminuição de genes na população causado por uma catástrofe (independente da seleção natural) e (iii) fluxo de genes advindo de migrações e cruzamentos entre raças, cuja permanência na população a longo prazo recebe a influência da seleção natural (Weiss and Mann, 1981, p. 24-25).

Nestes cinco milhões de anos, a seleção natural priorizou determinadas funções, em detrimento de outras, para satisfazer a necessidade de sobrevivência da espécie; o tempo de amadurecimento foi se prolongando e gerando seres cada vez mais imaturos e dependentes dos adultos (Morgan, 1995, Rocha Ferreira, 1999).

As modificações dos estágios da vida refletem o processo do retardo no amadurecimento. Análises de ossos e dentes dos primeiros hominíades que morreram em fases anteriores a adulta sugerem que o aparecimento dos estágios da vida da infância e adolescência não são de origem remota. O padrão humano atual das fases da primeira infância, segunda infância, juvenil, adolescência e adulta evoluiu após o aparecimento dos últimos *Homo erectus* (Bogin and Smith, 1996).

As modificações estruturais e funcionais ocorridas durante estes milhares de anos, propiciaram o desenvolvimento da inteligência, da capacidade da aprendizagem, interação e socialização (Morgan, 1995; Weiss and Mann, 1981); e portanto, as formas de comportamentos não aprendidas (instintos) tornaram-se subordinadas às formas aprendidas. O ser humano passou a depender de um corpo de conhecimento preexistente para o seu desenvolvimento (Elias, 1996 p. 110).

E neste sentido atingiu uma nova dimensão que o diferenciou das outras espécies. Ele aprende e ensina; é capaz de construir uma diversidade de culturas, de desenvolver a linguagem oral, não verbal e escrita, aprender o padrão de movimento simples e complexo etc.

O desenvolvimento da linguagem verbal foi uma das grandes conquistas humanas; a espécie aprendeu a produzir padrões de sons que deram origem à linguagem, e por conseguinte houve necessidade do desenvolvimento da memória, da compreensão dos significados das palavras etc. (Elias, 1996 p. 111). Aprender, acumular experiências, adquirir conhecimentos são todos baseados na utilização das estruturas biológicas. É importante realçar que a aquisição do conhecimento está relacionada com o tempo de amadurecimento biológico, controlado pelos genes, que torna o organismo mais susceptível para o aprendizado, ou mesmo aos fatores estressantes negativos, que por sua vez podem prejudicar o organismo, como o caso da desnutrição. Este prejuízo dependerá da idade da criança, da intensidade e duração da distrofia.

Em termos evolucionários as chaves básicas para o desenvolvimento do comportamento foram a aprendizagem/ensino e cooperação. O ser humano necessita do outro para sobreviver. As primeiras interações deram-se primordialmente entre mães e filhos intensificando a necessidade do cuidado do infante, o desenvolvimento da linguagem, o agrupamento dos membros da espécie, o início do estabelecimento de papéis sociais, cujos comportamentos foram bases para a organização da família e da comunidade (Morgan, 1995).

Outros fatores foram também fundamentais para o desenvolvimento psicossocial da humanidade, cito alguns autores que já foram estudados no contexto evolucionário. Jacob Levy Moreno, o pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo enfatiza a “criatividade-espontaneidade” (Landini, 1998)². Norbert Elias criador da teoria sobre o processo civilizador e estudando a questão do controle das emoções, enfatiza as emoções como fator mediador para o estabelecimento das relações sociais (Elias, 1996). Desmond Morris aponta diferentes elementos transformadores, entre eles que as mudanças na sexualidade influenciaram que a espécie humana tivesse uma dimensão reprodutora e outra psicossocial, as quais foram significativas para o estabelecimento mais duradouro das relações entre casais, oportunizando uma posição diferenciada dos outros animais com o infante (Morris, 1993).

Estas modificações, entre outras, auxiliaram o desenvolvimento da cultura, dos padrões sociais, da possibilidade de um convívio social. Quero aqui reforçar os papéis sociais, que são fundamentais especialmente durante a fase de crescimento e desenvolvimento da infância à adolescência, onde a família tem um papel fundamental na educação.

² A teoria teve sua origem no judaísmo-hassídico tendo como chave fundamental o ato da criação do homem e como método o teatro espontâneo. É uma tentativa de aproximação entre a religião e ciência.

A interação entre adultos e filhos se manifestou, na história da humanidade, de diferentes formas, mostrando uma variação cultural em diversas populações e civilizações. Algumas sociedades valorizaram as famílias extensivas como na sociedade Hadza (caçadores e coletores) onde as avós e tias-avós se responsabilizam pela alimentação e cuidados com as crianças (Blurton Jones, 1993) e em outras sociedades a família nuclear teve um lugar de destaque. A figura feminina tem .

Em suma o ser humano atingiu dimensões diferenciadas que o supera dos outros e este mistério vem sendo estudado há muitos anos. Marchionni (2000) apresenta uma síntese das formas de conhecimento humano atribuídas por diferentes filósofos, como Platão, São Tomás de Aquino, São Boaventura, Espinoza, Picco dell Mirandola e recentemente Maritain (1958), a saber: (i) representações comuns ou vulgares, idéias simples, do vulgo, aprendidas no dia a dia, (ii) representações sensíveis adquiridas diretamente através dos sentidos: eu vi, vivenciei, senti, percebi, (iii) conhecimento racional, produzido pela faculdade humana chamada razão, ausente nos animais, (iv) conhecimento supra-racional ou metafísico, que pode ser religioso ou a-religioso.

Em relação ao conhecimento supra-racional ou contemplativo, na explicação de Marchionni (2000), via de acesso ao universo espiritual, é mister notar que ele é ausente nas pesquisas científicas, cujo objeto limita-se ao reconhecimento do comprovável e falsificável (Popper). Tal conhecimento, todavia, atua de maneira poderosa nas variações culturais dentro da história da evolução social do ser humano. Basta notar que os jogos aconteciam, na antigüidade, à sombra de um templo, e até hoje muitas manifestações esportivas iniciam com um ritual religioso sob cuja proteção os atletas se põem. Já Platão distinguia entre conhecimento racional, voltado para as ciências naturais, e conhecimento intelectual-contemplativo, voltado para a verdade das essências. No cristianismo e no islamismo, como em todas as compreensões espirituais do mundo, tal esquema continua, na convicção de que o conhecimento intelectual ou supra-racional ou contemplativo deriva de uma faculdade divina presente no homem e desvela as realidades supra-materiais. Esta cosmovisão, que foge ao objeto da ciência *stricto sensu*, é uma realidade plenamente observável como fenômeno entre os humanos, e não deixa de sugerir considerações intrigantes para o campo da atividade física, a qual, sendo um fato do *ánthropos*, reclama uma exigência de sentido dentro do sentido mais amplo do existir humano.

ATIVIDADE FÍSICA

A atividade física como qualquer manifestação humana tem significado especial e diferenciado na espécie. Na área biológica é considerada como qualquer movimento produzido pelos músculos esqueléticos que resulta em um gasto de energia (Caspersen, 1985). Na área sociocultural é uma

atividade humana com significados específicos intra e entre as sociedades e civilizações e possui diferentes formas de representações e manifestações. Em realidade a atividade física é um complexo simbólico “biopsicosociocultural” e deve se fazer tentativas de estudá-la de forma interdisciplinar.

Farei uma breve incursão nas sociedades oriental, européia e indígena para uma melhor visualização dos significados. As atividades físicas orientais, expressas através das artes marciais (Kung Fu, Tai Chee, Kuk Sun Do, Arco e Flexa etc.) contém elementos culturais que visualizam a mente e corpo de forma indivisível. A construção deste significado foi influenciado especialmente pela cultura chinesa. Na filosofia oriental, o “ri” refere-se aos princípios que formam todas as coisas no universo, enquanto que o “ki” é a força ou energia que governa a criação e a extinção das coisas no universo. Elas estão aparentemente separadas, mas na realidade estão unidas, são inseparáveis (Chung S.T., 1988).

As atividades físicas vivenciadas através dos jogos estão presentes em todas as culturas passadas e contemporâneas deste planeta. Os jogos tradicionais europeus, por exemplo, contém elementos culturais próprios da sociedade local e muitos deles deram origem aos esportes modernos, os quais foram desenvolvidos numa filosofia racionalista, própria dos últimos séculos.

Os jogos tradicionais indígenas são atividades com características lúdicas que representam importantes elementos culturais como valores tradicionais, mitos e magia manifestados em geral em cerimônias religiosas. (Culin, 1975, Rocha Ferreira, 1991). Eles requerem um aprendizado específico de habilidades físicas, estratégias ou chances empregadas com objetivo de preparação do jovem à vida adulta, socialização, cooperação, oposição, condicionamento e/ou preparação do guerreiro. As regras são preestabelecidas e aparecem em períodos e locais determinados. Em muitas ocasiões são jogados cerimonialmente para agradar um ser sobrenatural com o objetivo de fertilidade, chuva, alimento, saúde, etc. Existe sempre uma explicação mitológica subjacente às cerimônias e jogos.

O princípio de uma idade ideal e/ou época da vida a se praticar atividade física e as diferenças de gênero são questões que permeiam as culturas em diferentes épocas. A questão no processo de ensino/aprendizagem sobre “o estar apto para aprender” é atualmente entendida como prontidão, cujo estado é consequência do processo de amadurecimento biológico e psicossocial (Malina e Bouchard, 1991).

E a diversidade genotípica da população influencia na variação das respostas adaptativas ao estímulo, que associada a outros fatores podem explicar o fato do mesmo treinamento esportivo ser respondido de forma diferente por atletas da mesma categoria esportiva e treinamento. É importante apontar que

os limites da adaptação são estabelecidos pelo genótipo, e além disso as respostas adaptativas são também dependentes da idade, duração e intensidade dos fatores estressantes.

No início do trabalho mencionei sobre as crianças internas num orfanato. Elas representam um estado típico de desnutrição atual, crônica e passada, com privações psicossociais. Os fatores estressantes nutricionais e ambientais influenciaram no estado em que se encontravam. O sentar, andar, brincar e o aprendizado da linguagem foi tardio; não havia o adulto para estimulá-las. Faltou-lhes o alimento, cuidados materno infantil, interação com o adulto/família, condições sanitárias etc. Elas tinham a aptidão para o desenvolvimento, próprio da espécie, mas este foi aquém do esperado. Eram filhas de mães que tiveram vidas semelhantes. O ciclo se repetiu e se repetirá provavelmente por gerações! E para ser quebrado necessita da intervenção do “outro” representado pelos diferentes setores da sociedade: pais, família, governo, associações de caráter público e privado e outros.

AS PESQUISAS E O GRUPO

O estudo do ser *ánthropos* e a atividade física foi a preocupação das pesquisas apresentadas nesta mesa redonda. As diferentes manifestações das atividades representam a grandiosidade do ser humano e sua cultura.

O desenvolvimento da criança pré-escolar em regiões litorâneas é semelhante ao de regiões urbanas, é dependente da classe sócio econômica da família e das estruturas sociais locais, tema abordado por Juliana Martuscelli da Silva Prado. As privações das famílias de baixa renda têm um impacto significativo no desenvolvimento das crianças. A escolaridade como um indicador social tem mostrado um importante papel na má alimentação das crianças e na prática das atividades físicas entre outros aspectos.

A dependência da televisão parece ser uma constante entre as famílias da atualidade, independente da região urbana, cujo comportamento pode ser explicado pela falta de tempo dos pais e maior “segurança física” dos filhos em casa.

Os trabalhos têm apontado pela ausência da Educação Física Escolar na pré escola pública, o que dificulta o desenvolvimento das habilidades motoras, isto é coordenação, agilidade, velocidade, força muscular etc. Em geral a população de baixa renda tem tido condições para a prática de atividade corporal no sentido lato e não atividade física esportiva.

Este quadro é grave pois infelizmente tem existido um aumento do sedentarismo em escala mundial

em todas as faixas etárias. E uma das opções para a mudança deste quadro é a prática da atividade física desportiva. Este fato nos faz pensar que a espécie humana “construiu” um corpo para ser ativo e não sedentário (Rocha Ferreira, 1999). A criança tem capacidade e pode se desenvolver, mas precisa do adulto e das condições oferecidas pela sociedade para o desenvolvimento das atividades esportivas, jogos tradicionais, recreação etc.

A influência da família é fundamental para a prática da atividade física, mesmo após a infância, no período da adolescência como é apontado pelo trabalho de Aylton José Figueira Júnior. Esta pesquisa representa idéias atuais sobre o impacto da família no comportamento dos filhos em regiões urbanas. Este tema tem sido objeto de preocupação em programas nacionais e internacionais em atividade física e saúde para a população. A participação e cooperação no Programa Agita São Paulo sob a organização de Victor K. M. Matsudo (1997) nos mobilizou para um aprofundamento desta questão.

Neste grupo etário a decisão pessoal parece também ser fundamental na prática da atividade física. Os adolescentes reconhecem pouco a influência do meio ambiente nas suas decisões, cujo comportamento é característico da idade. É o momento em que as suas decisões prevalecem à dos pais e amigos. Entretanto, mesmo sem se aperceberem os fatores socioculturais têm papel fundamental na construção da atividade física, possivelmente mais do que as diferenças ecológicas das regiões metropolitana, interiorana e litorânea.

Em contraste a vida urbana, as atividades físicas desenvolvidas pelos índios no Xingu têm características peculiares. A pesquisa de Sérgio Corrêa Tavares é um importante documento sobre a questão da reclusão pubertária entre os índios Kamayurá. A construção da atividade física do campeão para este grupo indígena difere em tudo e por tudo da mesma concepção na população urbana industrial. As necessidades de sobrevivência permeiam os significados, valores e escolha das atividades. A escassez alimentar, pela qual os índios passam, pode estar influenciando a diminuição da intensidade das atividades durante a reclusão, tornando os índios sedentários. A transformação do campeão é feita pelo aprendizado material e imaterial da cultura. As passagens da reclusão podem ser resumidas pela ingestão de eméticos, escarificações (arranham o corpo com pente), dieta alimentar, aprendizado prático e psicológico. Em termos motores, os meninos praticam a luta Uka Uka. O tipo ideal para homem é tornar-se campeão e para mulher é a procriação, construir família.

Um outro enfoque da adaptação humana e atividade física em regiões rurais é abordado por Gláucio Campos Gomes Matos. O autor estuda as atividades corporais de homens adultos como estratégia de

adaptação biocultural ao meio ambiente na Amazônia. As atividades diárias estudadas no grupo, denominadas atividades corporais, foram caça, pesca, coleta e cultivo. As atividades são de intensidade baixa para moderada, ora intermitentes ora contínuas, o que permite a execução de longa duração e grandes distâncias, sem levar o corpo a exaustão. Inegavelmente, este tipo de atividade e sua intensidade são adequadas ao meio ambiente, de clima quente e úmido.

A prática das atividades esportivas em área indígena tem sido pouco estudada na literatura. E para uma melhor compreensão desta problemática apresentamos o trabalho de Marina Vinha sobre “competitividade e rivalidade” nos jogos tradicionais e esporte entre os índios Kadiwéu. Estes elementos continuam presentes nas atividades contemporâneas, mas passam por um processo de re-significação frente as demandas do esporte.

O processo de esportivação é de certo modo doloroso para a cultura indígena, visto que as raízes do esporte são de jogos tradicionais europeus, cujos elementos culturais são próprios daquela sociedade. Estes jogos foram modificados e tiveram suas regras institucionalizadas, burocratizadas, passaram por um processo de marketing e contam com uma maior participação de pessoas no mundo.

A preocupação de uma maior conhecimento do processo de esportivação em área indígena pode colaborar para o desenvolvimento da Educação Física Escolar no domínio da Educação Indígena (Rocha Ferreira, 1996). Este em princípio deve atender a Constituição Brasileira que está fundamentada nos eixos conceituais da alteridade, diversidade e do diálogo cultural. Além dos três eixos, na minha opinião, a Educação Física deve ser desenvolvida respeitando as demandas, necessidades e interesses da própria comunidade e também das características do desenvolvimento humano, dando continuidade ao conhecimento cotidiano da cultura local e resgatando aquele conhecimento em desuso, para revitalização das tradições. Deve transmitir conhecimento de outras culturas, possibilitar o diálogo entre as culturas de índios e não-índios e entre outros grupos indígenas. A Educação Física Escolar deve ser desenvolvida no currículo das escolas indígenas através de atividades motoras, visando a saúde, o lúdico e integração bio-psico-sociocultural, que podem ser transmitidas pelos jogos tradicionais, danças, lutas, brincadeiras, movimentos contidos nos rituais religiosos e atividades diárias com caráter produtivo e lúdico, atividades esportivas e ginástica desde que bem orientadas. Este projeto desafiador só será construído ao longo do tempo, com perseverança e coragem, respeitando a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições de um grupo indígena (Rocha Ferreira, 1996).

Para o encerramento dos trabalhos, apresentamos a pesquisa em dança moderna “o sentido do sentir:

corpos dançantes em cadeira de rodas” de Eliana Lucia Ferreira. É um trabalho representando artistas de grupos minoritários e uma modalidade de dança ainda sem um lugar reconhecido pelas instituições afins. A linguagem verbal e não verbal, estudada através da Análise do Discurso sob a co-orientação de Eni Orlandi nos aponta para uma discursividade dos sentidos significados pelo corpo.

A utilização da análise do discurso para o tratamento das informações nos trabalhos de Eliana Lúcia Ferreira e Marina Vinha e mais ainda a participação e interesse da Profa. Dra. Eni Orlandi³ foram significativas para o desenvolvimento das pesquisas.

E finalmente enfatizo a importância para o desenvolvimento dos trabalhos a aproximação, cooperação e colaboração com os Profs. Drs. Ademir Gebara⁴ e Ruy Jornada Krebs⁵ e os grupos respectivos de alunos.

As relações e colaborações entre grupos e instituições são fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas, e em realidade é um exercício de características do ser humano: a criatividade-spontaneidade, a cooperação, interdependência, o controle das emoções entre outras.

³ Laboratório de Estudos Urbanos – NUDECRI – UNICAMP.

⁴ Faculdade de Educação Física da UNICAMP e Faculdade de Educação da UNIMEP.

⁵ Centro de Educação Física e Desportos - UDESC.

REFERÊNCIA

- BLURTON JONES N. G. *The lives of hunter-gather children: effects of parental behavior and parental reproductive strategy*. In: ME PERIERA AND LA FAIRBANKS (eds): *Juvenile Primates*. Oxford University Press, Oxford, p. 309-326, 1993.
- BOGIN, B.; SMITH, B. H. *Evolution of the human life cycle*. American Journal of Human Biology 8:703-716, 1996.
- CHUNG, S. T. *New horizons of human movement*. Keynote Speech, Seoul Olympic Scientific Congress, 1988.
- CULIN, S. *Games of the north American Indians*. Dover Pub. Inc., New York. 1991.
- CASPERSEN, C. J.; POWELL, K. E.; CHRISTENSON, G. M. *Physical activity, exercise and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research*. *Public Health Report* , 100:126-131, 1985.
- ELIAS, N. *On Human beings and their emotions: a process-sociological essay*. in: : M FEATHERSTONE, M HEPWORTH AND BS TURNER (org) *The body: social process and cultural theory*. Sage Publications. London, p. 103-125, 1996.
- LANDINI, J. C. *Do animal ao humano: uma leitura psicodramática*. Ágora, São Paulo, 1998.
- LASKER, G. W. Human biological adaptability - the ecological approach in physical anthropology. *Science* 156:1:480-485, 1969.
- MALINA, R.; BOUCHARD, C. *Growth, maturation and physical activity*. Campaign, Illinois, Human Kinetics, 1991.
- MARCHIENNI, A. *Referências sobre a distinção entre Razão (discursiva, mediada) e Intelecto (contemplativo, intuitivo, imediato)*. Mimeo. Curso - Oito lições sobre o Homem. Associação Terra Brasil (Org.), Campinas, 2000.
- Matsudo, V. K. R. *Physical activity: passport for health*. *World Health Report* 50(3):16-17, 1997.
- MORGAN, E. *The descent of the child. Human evolution from a new perspective*. New York, Oxford University Press, 1995.
- MORRIS, D. *O Macaco Nu: um estudo do animal humano*. Record. Rio de Janeiro, 1993.
- FERREIRA, M. B. R.; ZUCAS, S. M. *Estado nutricional e aptidão física em pré-escolares*. SEED-MED – Ministério de Educação e Cultura. Fundação Nacional de Material Escolar. Premio Liselott Diem, 1981.
- FERREIRA, M. B. R. *Sugestão para nova redação do conteúdo educação física nas normas e diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena*. Campinas, 1996 (mimeo.)
- FERREIRA, M. B. R. *Atividade física ao longo do ciclo vital: uma abordagem antropológica*. Anais do II Encontro da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Ciência, p. 53-59, 1991.

FERREIRA, M. B. ROCHA *Criança e saúde: um enfoque antropológico. Edições SIEC*, Santa Maria, p. 141-156, 1999.

ROY, E. *Adaptation: a summary and reconsideration*. in: *Environment, subsistence and system. The ecology of small-scale social formation*. Cambridge University Press, London, 1982.

WEISS, M. L. E MANN, A. E. *Human adaptability*. In: *An anthropological perspective*. Little, Brown and Co. Boston, 1981.

Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Referência do artigo:

ABNT

FERREIRA, R. B. M. D. Atividade física, desenvolvimento humano e cultural. *Conexões* v.0, n. 4, p. 1-14, 2000.

APA

Ferreira, R. B. M. D. (2000). Atividade física, desenvolvimento humano e cultural. *Conexões*, 0(4), 1-14.

VANCOUVER

Ferreira RBMD. Atividade física, desenvolvimento humano e cultural. *Conexões*, 2000; 0(4): 1-14.